

## 2016: o ano da polarização?

**Esther Solano, Pablo Ortellado e Marcio Moretto**

**MARÇO DE 2017**

■ Como funciona a dinâmica de polarização da sociedade brasileira - cristalizada em 2016 – expressada nas manifestações de rua e nas redes sociais? Como foram construídos e qual é o alcance desses dois polos da disputa? De um lado os manifestantes “verde-amarelos” exigindo o impeachment - para os quais o PT é o partido mais corrupto do Brasil e que definem sua identidade de direita ou conservadora não sobre pautas programáticas e sim sobre um antipetismo - e, do outro lado, os manifestantes que se identificam com o campo progressista, com críticas ou não ao papel do petismo e sua dimensão histórica, que defendem que o impeachment é um golpe e portanto, uma agressão antidemocrática.

■ Qual foi o papel dos grupos organizados de direita liberal como MBL ou Vem para a Rua na construção de um debate que canalizou a insatisfação política no antipetismo? Como foi desenvolvida a estratégia populista de direita que teve no antipetismo e na luta contra a corrupção seus grandes significantes?

■ Ao mesmo tempo, esta polarização não tem uma réplica exata na população não mobilizada; população que não tem consenso sobre se foi golpe ou impeachment, mas que não acredita no discurso da vitimização do PT. Tampouco compartilha o consenso liberal econômico atual dos grupos organizadores dos protestos pró-impeachment e o governo Temer, e cujos cidadãos de menor renda se identificam com valores que a bancada evangélica mobiliza; numa clara penetração de questões morais-religiosas na política nestes grupos. Porém, o antipetismo se coloca como o valor que articula a identidade de aqueles que se definem como de direita, mostrando, que, como conceito, tem uma grande capacidade de criar consenso entre aqueles que não se identificam com a esquerda ou o progressismo.

■ A população brasileira mais jovem não está totalmente inserida nesta dinâmica de polarização, porque não tem no PT um centro simbólico organizador da vida política, como a geração anterior, com faixa etária média de 40 anos, que é a tipicamente mobilizada em torno a este tema. Os mais jovens ficam mais a margem da identificação com as narrativas de “vitimização petista” versus “o PT é o partido mais corrupto de Brasil”.



## Sumário

---

<b>Apresentação</b> .....	<b>5</b>
<b>Os jovens mobilizados fora da polarização</b> .....	<b>6</b>
<i>Caracterização socioeconômica</i> .....	<i>7</i>
<i>Confiança nas instituições</i> .....	<i>7</i>
<i>Comportamento eleitoral e participação na crise política</i> .....	<i>7</i>
<i>Autonomia dos movimentos</i> .....	<i>8</i>
<i>Principais observações</i> .....	<i>8</i>
<b>A polarização no Facebook: o PT no centro do debate</b> .....	<b>8</b>
<i>Seleção das páginas no Facebook e coleta dos dados</i> .....	<i>9</i>
<i>Construção do grafo</i> .....	<i>9</i>
<i>Principais observações</i> .....	<i>12</i>
<b>Paulistano é conservador, mas não neoliberal</b> .....	<b>12</b>
<i>Principais observações</i> .....	<i>17</i>
<b>Resumo final das três pesquisas</b> .....	<b>18</b>
<b>2017: do antipetismo à antipolítica?</b> .....	<b>18</b>





## Apresentação

Junho de 2013 marcou um ponto de inflexão na história brasileira. Nas ruas convergiram grupos autonomistas, como o Movimento Passe Livre (MPL), a esquerda clássica brasileira nas figuras de sindicatos, movimentos tradicionais ou partidos políticos e pessoas que já utilizaram a estética nacionalista em suas reivindicações. Por outro lado, na multiplicidade das pautas mobilizadas já se encontravam a petição por serviços públicos de qualidade e a questão da moralidade da política com o tema da anticorrupção. Entre junho de 2013 e meados de 2016, enquanto a esquerda brasileira não conseguia dar resposta apropriada a estas insatisfações, movimentos identificados como de direita liberal, Movimento Brasil Livre (MBL) ou Vem Pra Rua, canalizaram este sentimento de frustração e descontentamento cidadão contra o sistema político, em seu conjunto, num forte sentimento antipetista. Começava uma dinâmica de polarização nas redes e nas ruas, cujo centro simbólico era o PT: uma parte da sociedade mobilizada fazia do petismo o alvo de suas críticas, pedindo o impeachment da presidente e outro setor mobilizado respondia impulsionando a narrativa do golpe e defendendo a normalidade institucional e democrática. Neste cenário, grupos como o MBL, utilizaram um discurso populista de direita, com grandes significantes aglutinadores, como *antipetismo* ou *corrupção*, para comunicar e mobilizar grandes segmentos da população, moralizando ainda mais o debate em torno do tema da corrupção e potencializando pautas conservadoras. Uma direita brasileira liberal, a favor de reformas econômicas e sociais de corte neoliberal<sup>1</sup> que, em vez de colocar no centro da agenda a pauta sobre as medidas econômi-

cas liberais, utiliza as estratégias do populismo, a moralização da política e a exaltação do poder judiciário que deve “limpar Brasil”, para convocar a população às ruas.

Neste sentido, nos interessa estudar melhor como funciona esta dinâmica nítida de polarização em 2016, presente nas manifestações e nas redes sociais. Um fenômeno relacional, onde a própria identidade se define a partir do oposto, da negação da identidade alheia. Por um lado, os manifestantes verde-amarelos exigindo o impeachment, para os quais o PT é o partido mais corrupto de Brasil e que definem sua identidade de direita ou conservadora não sobre pautas programáticas e sim sobre um antipetismo, que é o conceito que os une e que dá coesão a sua identidade. Por outro, os manifestantes que se identificam com o campo progressista, com críticas ou não ao papel do petismo e sua dimensão histórica, que defendem que o impeachment seria um golpe e, portanto uma agressão antidemocrática. Entre eles, um grande grupo minimiza a importância da participação do PT nos esquemas de corrupção, defendendo o discurso de que o partido seria vítima de uma confluência de forças entre elites, imprensa e poder judiciário. No centro das narrativas, para ambos os lados, o PT.

Durante os anos 2015 e 2016, realizamos uma série de estudos sobre as manifestações pró e anti-impeachment na cidade de São Paulo<sup>2</sup>. Continuando com este trabalho, os dados e a reflexão que aqui apresentamos se estruturam em três blocos de pesquisa, que buscam entender com mais detalhe este ciclo de mobilizações com a figura do PT em seu centro simbólico. As perguntas que tentamos responder são as seguintes:

1. Proposta de Emenda Constitucional, aprovada em 13 de dezembro de 2016, que determina um teto para os gastos públicos por um período de 20 anos a partir de janeiro de 2017.

2. Resultados completos de todas as pesquisas, incluindo as atuais, disponível em: <http://gpapai.usp.br/pesquisa/>



- A polarização relativa à questão do impeachment e o petismo atinge todos os grupos sociais mobilizados ou temos outras dinâmicas de manifestações que não se encaixam no modelo da polarização?

- Como se organiza o atual debate político no Facebook? Ele é um debate polarizado que tem também no seu centro a discussão sobre o papel do PT?

- Que impacto têm as pautas e narrativas políticas dinamizadas pelos grupos mais organizados na configuração da identidade política da sociedade como um todo? Os debates atuais de maior visibilidade sobre medidas liberais econômicas, conservadorismo, punitivismo, políticas sociais, discurso evangélico, narrativas golpe-impeachment têm ressonância na sociedade não mobilizada?

## Os jovens mobilizados fora da polarização

**“Hipótese: os jovens mobilizados não se encaixam exatamente no perfil da polarização ‘vermelhos’ versus ‘verde-amarelos’ presente nas manifestações anti e pró-impeachment.**

Durante os protestos anti-Dilma (12 de abril de 2015 e 16 de agosto de 2015) e anti-impeachment (31 de março de 2016), aplicamos uma série de questionários para entender melhor o perfil socioeconômico dos manifestantes e sua identidade política.

Um dado que chamou a atenção foi que a idade média dos manifestantes presentes era de 44 anos para os anti-Dilma, com presença de 6.30% e 4.70% de jovens de 16 a 20 anos em cada um dos protestos e 40 anos para os anti-impeachment e com 7.90 de jovens entre 16 a 20 anos.

A pouca presença de jovens levou-nos a questionar se a mobilização em torno da figura do PT e a consequente polarização seria uma questão que define melhor uma faixa etária mais adulta. A explicação mais coerente deste fenômeno é que o PT se colocou no centro da construção da simbologia partidária e política para toda uma geração, inclusive para configurar uma identidade política antipetista. A maioria dos mais jovens, porém, estão fora desta disputa simbólica, o PT já não organiza e não é o centro de sua organização como atores políticos. Jovens e adolescentes estão nas ruas por diversas pautas, porém, muitos deles fora do debate do impeachment e sem entrar na dinâmica da polarização dos protestos de 2015 e 2016. Como esses jovens pensam a dinâmica petismo-antipetismo e como se colocam neste debate?

Em maio de 2016, a cidade de São Paulo foi palco de duas mobilizações, que pediam a ampliação de direitos: no dia 14, a marcha que pedia a legalização da maconha e, no dia 19, a passeata dos secundaristas que se opunha aos cortes para a educação do governo do Estado de São Paulo.

A pesquisa foi conduzida durante a marcha da maconha que partiu da Avenida Paulista no dia 14 de maio e durante a passeata dos secundaristas que também partiu da Avenida Paulista no dia 19. Na primeira manifestação, foram aplicados 557 questionários e a margem de erro é de 4,2%; na segunda, foram aplicados 509 questionários e a margem é de 4,3%.

Nos questionários, rerepresentamos questões que já havíamos aplicado a manifestantes anti-Dilma e manifestantes anti-impeachment. Nosso objetivo era entender de que maneira o perfil dos manifestantes desses dois movimentos (secundaristas e ativistas a favor da legalização da maconha) divergia ou convergia com o dos dois grupos que já havíamos estudado.



Supomos, também, que o PT não é mais o organizador central do debate político para a geração mais nova, engajada em lutas progressistas, que se configura cada vez mais em organizações autonomistas desvinculadas da lógica partidária, sendo outro campo de organização coletiva, formada por atores mais novos.

As duas mobilizações mostraram um perfil semelhante e muito diferente daquelas mobilizações que apoiavam ou eram contrárias ao impeachment. Elas foram compostas de manifestantes bem mais jovens (muitos deles adolescentes) e com renda familiar mais baixa. Como os pró-impeachment, desconfiam de todos os partidos políticos e acreditam que o PT é corrupto; como os anti-impeachment desconfiam bastante dos meios de comunicação e consideram importantes os ganhos sociais da era Lula-Dilma. Além disso, defendem com clareza a independência dos movimentos dos partidos políticos.

### **Caracterização socioeconômica**

Os dois grupos estudados apresentaram um perfil semelhante entre si e distinto dos grupos anti-impeachment e anti-Dilma. A idade média tanto da marcha da maconha quanto dos secundaristas é de pouco mais de 20 anos com 84,7% e 89,9% dos manifestantes abaixo dos 30 anos. 36,4 e 33,6% são negros e pardos e 41,3% e 46% têm renda familiar de até 3 salários mínimos. Como parâmetro de comparação, o perfil do manifestante do ato anti-impeachment de 31 de março é de 31,3% de manifestantes com até 30 anos, 34,9% de negros e pardos e 23,8% com renda familiar de até 3 salários mínimos.

### **Confiança nas instituições**

Tanto os manifestantes que defendem a legalização da maconha como os estudantes secun-

daristas apresentam descrença generalizada nas instituições, mas, em relação aos outros dois grupos estudados (anti-impeachment e anti-Dilma) a intensidade desta descrença tem um perfil misto. Com relação a partidos políticos, eles têm 70,6% e 58,7% de desconfiança e 28,4% e 39,7% de pouca confiança -- um perfil parecido com os manifestantes anti-Dilma, que estudamos em 15 de abril de 2015 (73,2% de desconfiança e 25,2% de pouca confiança). Já com relação à imprensa, eles têm 62,8% e 68,6% de desconfiança e 35,9% e 30,6% de pouca confiança -- perfil semelhante aos manifestantes anti-impeachment de 31 de março (85,4% de desconfiança e 13,6% de pouca confiança). Em resumo, enquanto esses movimentos de jovens têm desconfiança intensa e generalizada tanto em partidos como na imprensa, os anti-impeachment têm menos desconfiança dos partidos e os anti-Dilma menos desconfiança da imprensa.

### **Comportamento eleitoral e participação na crise política**

A pouca idade dos dois grupos fez com que uma parcela significativa não tivesse votado nas últimas eleições presidenciais, mas entre os que votaram, a maioria votou nos candidatos de esquerda, Dilma Rousseff (29,2% na marcha da maconha e 30,3% entre os secundaristas) e Luciana Genro (20,7% e 31,8%), com expressivo número de votos nulos em terceiro lugar (13,6% e 11,8%). Com relação à participação nas marchas pró e anti-impeachment, houve diferença notável nos dois grupos. Enquanto os manifestantes da marcha da maconha se distribuíram entre os que foram à marcha pró-impeachment (14,2%), os que foram às marchas anti-impeachment (27,8%) e os que foram à manifestação pedindo “o fora todos” (13,3%), os secundaristas tiveram um perfil mais contrário ao impeachment, com apenas 5,1% participando de manifestação



pró-impeachment, consideráveis 45,8% participando de atos anti-impeachment e 13,9% pedindo “o fora todos”.

Embora os secundaristas tenham participado em grande número de atos anti-impeachment, não parecem ter se engajado no debate polarizado que opunha de um lado, a tese de que o PT era essencialmente corrupto e, de outro, que tinha trazido grandes ganhos sociais para o país. Tanto os participantes da marcha da maconha como os secundaristas mostraram grande adesão às duas afirmações: 89,4% e 87,2% concordaram totalmente ou em parte que “o PT é um partido corrupto”, mas, ao mesmo tempo, 90,2% e 96,4% concordaram totalmente ou em parte que “conquistas do governo do PT como o Bolsa Família, o FIES e o Minha Casa Minha Vida melhoraram a vida dos brasileiros”.

### **Autonomia dos movimentos**

Finalmente, investigamos em que medida participantes da marcha da maconha e da manifestação dos secundaristas concordavam com teses geralmente associadas ao autonomismo. 41,1% e 64% não concordaram e 33,2% e 25,9% concordaram apenas em parte que “não há grandes diferenças entre governos de esquerda e governos de direita”. No entanto, 68% e 62,3% concordaram totalmente que “movimentos sociais deveriam ser independentes de partidos políticos.”

### **Principais observações**

*Os protestos estudados são formados por uma geração mais nova, que não se define na identidade política polarizada impeachment-golpe, cujo centro organizador é a figura do PT. Estes jovens têm desconfiança generalizada tanto nos partidos quanto*

*na imprensa, a maioria votou em partidos de esquerda na eleição para presidente (divididos entre o PT e PSOL) e colocam-se contrários ao impeachment. Os secundaristas mobilizaram-se bastante contra o impeachment: 45,8% participaram de algum ato anti-impeachment e 27,8% na marcha da maconha. Embora haja rejeição ao impeachment e à mobilização, sobretudo entre estudantes, estes grupos parecem não se encaixar na lógica da polarização nem aderem totalmente à narrativa PT corrupto versus PT vítima. Quase 90% de ambos os protestos concordam total ou parcialmente com a ideia de que o PT é corrupto, por outro lado, mais de 90% afirmam que as políticas do PT melhoraram a vida dos brasileiros. Existe um reconhecimento da importância do petismo para o país, mas também uma adesão à ideia de que o PT se transformou num partido corrupto.*

*Finalmente, mais de 60% concordaram totalmente com a afirmação de que os movimentos sociais deveriam ser autônomos de partidos políticos, prezando a autonomia dos movimentos frente à lógica partidária.*

*-Os jovens mobilizados são contrários ao impeachment.*

*-Não aderem à lógica binária PT corrupto versus PT vítima.*

*-Acreditam que o PT melhorou a vida dos brasileiros, mas também que se transformou num partido corrupto.*

*- Acreditam que os movimentos sociais devem ser independentes dos partidos políticos.*

## **A polarização no Facebook: o PT no centro do debate**

**Hipóteses: O PT organiza a polarização no debate político das redes sociais entre aqueles com um forte sentimento antipetista e aqueles que se opõem ao mesmo, os anti-antipetistas.**



Nas pesquisas com aplicação de questionário nas manifestações pró e anti-impeachment, que realizamos nos dias 12 de abril de 2015 e 31 de março de 2016, ficou bastante claro que o Facebook é a plataforma preferencial das populações mobilizadas para se informarem sobre política. Para o dia 12 de abril, 47.30% dos manifestantes afirmaram informar-se muito sobre política no Facebook (56.20% por sites de jornais e TV e 26.60% por WhatsApp). Para o dia 31 de março, os dados são muito similares com 56.70% afirmando informar-se politicamente muito pelo Facebook. Postagens de uma enorme quantidade de páginas são lidas pelos manifestantes e por outros usuários, que disputam o discurso político nas redes sociais. Neste estudo, buscamos identificar como estão organizados os usuários politicamente engajados do Facebook. Partimos da hipótese de que tais usuários se organizam nas redes sociais em torno de certas páginas, formando comunidades de leitores que compartilham de valores comuns.

### **Seleção das páginas no Facebook e coleta dos dados**

A plataforma do Facebook permite que usuários e empresas criem páginas para promoção de conteúdos. Além de promover conteúdo, uma página pode expressar afinidade com outras páginas, por meio de uma curtida, formando assim uma rede de páginas. Fazendo uma busca em prioridade nessa rede (priorizando as páginas com mais curtidas de usuários), coletamos 66 mil páginas brasileiras de categorias relacionadas à política (*Organization, Cause, Politician*, etc.). Esse conjunto corresponde a todas as páginas com mais de 8 mil curtidas de usuários dentro da componente principal.

A estrutura das redes das páginas forma agrupamentos (*clusters*), que indicam aproximação entre páginas a partir da afinidade indica-

da pela própria página, ou mais precisamente seu administrador. Analisando essa estrutura de *clusters*, verificamos que as páginas se organizam em torno de grandes temas. O maior agrupamento, que corresponde a 14,7 mil páginas ou 22,25% da coleta, inclui as páginas que tratam de política em um sentido amplo: páginas de mídia, de políticos, de partidos, etc. Outros agrupamentos foram descartados por tratarem de temas fora do escopo da pesquisa, como frases para perfil, cristianismo, feminino, veículos e anime.

Desse conjunto de páginas, foram selecionadas aquelas com maior número de curtidas de usuários, aquelas com maior número de curtidas de outras páginas e aquelas mais relevantes na rede (considerando de relevância a métrica PageRank). Por fim, eliminamos manualmente páginas que não tratavam de política em âmbito nacional. Terminamos a seleção com um conjunto de 400 páginas.

Coletamos uma amostra de postagens desse conjunto de páginas do mês de Março de 2016. A amostragem intercalou dias da semana, dois períodos (manhã, tarde ou noite) em cada dia da semana, espalhados por todo o mês. A amostra contém 6,2 mil postagens. Por fim, coletamos as curtidas em cada uma dessas postagens. No total consideramos 11,3 milhões de curtidas de 3,8 milhões de usuários distintos.

### **Construção do grafo**

Um grafo é uma estrutura matemática formada por *nós* e *arestas* que ligam os nós. Os nós podem possuir atributos e as arestas podem ser ou não direcionadas e, também, podem possuir atributos como seu peso. Os nós no grafo que construímos representam páginas no Facebook, cujo principal atributo é o número de usuários que curtiu alguma das postagens



da amostra e, no diagrama, isso é representado pelo tamanho do nó. O peso de uma aresta ligando duas páginas representa o número de usuários, que curtiram postagens de ambas as páginas ao mesmo tempo, dividido pela união desses conjuntos. Matematicamente, se representarmos por A e B os conjuntos de usuários que curtiram alguma postagem da primeira e da segunda página respectivamente, o peso da aresta pode ser representado pela seguinte fórmula  $\frac{\#(A \cap B)}{\#(A \cup B)}$ .

Nos diagramas, as arestas muito leves foram omitidas e o peso das arestas aproxima os nós. Assim, páginas com maior número de leitores em comum estão mais próximas no grafo e comunidades de leitores formam agrupamentos no diagrama. Formalmente, a *modularidade* de um grafo, organizado em agrupamentos, corresponde à diferença da razão entre o número de arestas internas e externas aos agrupamentos e a mesma razão em um grafo aleatório. Nos diagramas, os agrupamentos estão coloridos com cores diferentes e buscam otimizar o grau de modularidade usando o algoritmo de Louvian.

Numa análise grosseira, observamos que as 400 páginas de conteúdo político selecionadas organizam-se em dois grandes blocos bastante distantes entre si, indicando uma grande polarização. A polarização que se observa nas manifestações contra o PT e contra o impeachment também se observa na rede social. Um dos polos, pintado de azul no diagrama, agrega páginas como Amigos da Rota, NOVO 30, Vem Pra Rua, Aécio Neves e Conversa com os Brasileiros. Esse polo é organizado pelas páginas com um discurso fortemente antipetista. O outro polo contém páginas como PT, Blog da Dilma Rousseff, Lula, Jean Wyllys e Feminismo Sem Demagogia. Esse polo se organiza em torno de páginas associadas ao PT, mas principalmente em oposição às páginas antipetistas. Poucas páginas estão entre os dois polos, algu-

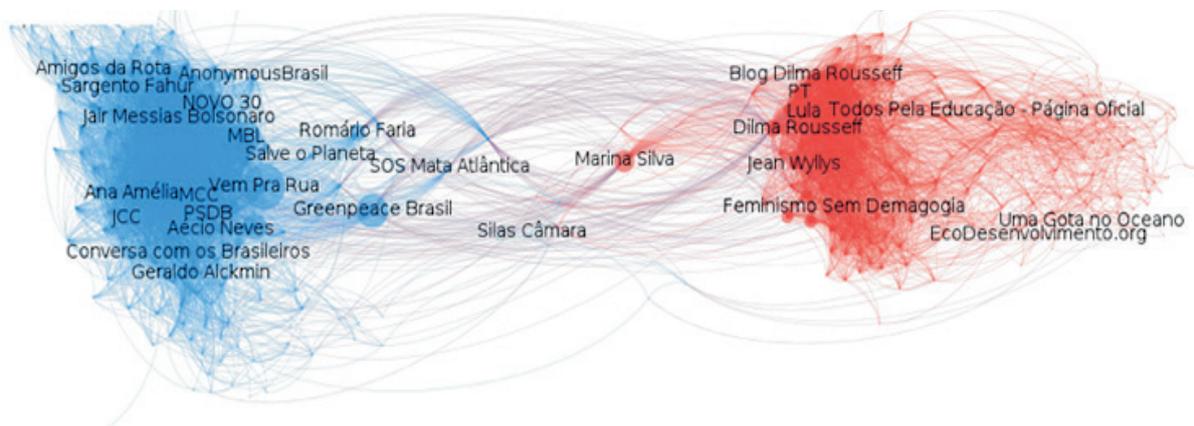
mas exceções são a página de Marina Silva, do deputado federal Silas Câmara e das ONGs ambientalistas Greenpeace e SOS Mata Atlântica. É interessante observar que esta polarização no espaço virtual se organiza em torno da figura do PT, que aparece no centro da dinâmica política da rede social: de um lado, as páginas com forte conteúdo antipetista, de outro, as páginas que se opõem a este discurso, as anti-antipetistas (já que neste grupo são encontradas não só páginas petistas como páginas autodenominadas de esquerda, que criticam o PT “pela esquerda”, mas se organizam contrariamente ao impeachment e à narrativa antipetista).

Outro dado relevante, quando comparamos os dois polos, é que o polo antipetista tem páginas que aparecem como grandes organizadoras hegemônicas do debate, com um grande número de curtidas, como a do MBL, Bolsonaro, o Vem Pra Rua. Já no anti-antipetista, existe uma dispersão maior das páginas, não havendo páginas que centralizem tanto a atuação da rede social.

Uma análise mais fina de cada um dos polos indica como eles se organizam internamente. O polo antipetista organiza-se em quatro agrupamentos principais. No centro, em vermelho, as páginas mais ativas são as anticorrupção e antipetistas como Movimento Brasil Livre, Movimento Contra a Corrupção e Vem Pra Rua. Os grupos em torno dessas páginas foram os protagonistas das manifestações pelo impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. No topo, temos dois agrupamentos menores: em verde, as páginas que promovem o liberalismo econômico e o estado mínimo como a página do Partido Novo e a Socialista de iPhone e, bem próximo, o agrupamento conservador, em azul, marcado principalmente por páginas que enaltecem a polícia como Amigos da ROTA. Por fim, em rosa, as páginas dos partidos e políticos que



Figura 1



defenderam o impeachment da ex-presidente Dilma, como Ana Amélia Lemos, Geraldo Alckmin e Conversa com os Brasileiros.

A análise mais fina do polo anti-antipetista indica a organização em três clusters. O

principal, que contém as páginas com mais usuários ativos, está pintado em vermelho. Esse agrupamento contém as páginas dos principais políticos que fizeram oposição ao impeachment de Dilma como Gleisi Hoffmann, Lindbergh Farias e Jandira Feghali. Em azul estão as páginas de grupos identificados com a defesa de direitos das mulheres, LGBT e negros como Feminismo Sem Demagogia, Empodere Duas Mulheres e Cartazes & Tirinhas LGBT. Por fim, um pouco marginalizado no cluster, em verde, uma enorme quantidade de páginas, com menos usuários ativos, de movimentos autônomos por ampliação de direitos sociais como o Passe Livre São Paulo, ambientalistas como a WWF-Brasil e de estilo de vida como Infância Livre de Consumismo.

Figura 2

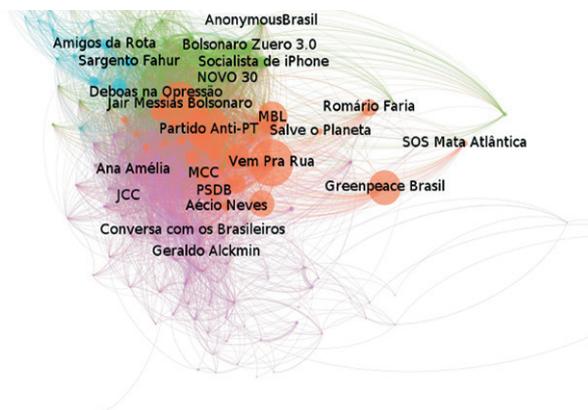
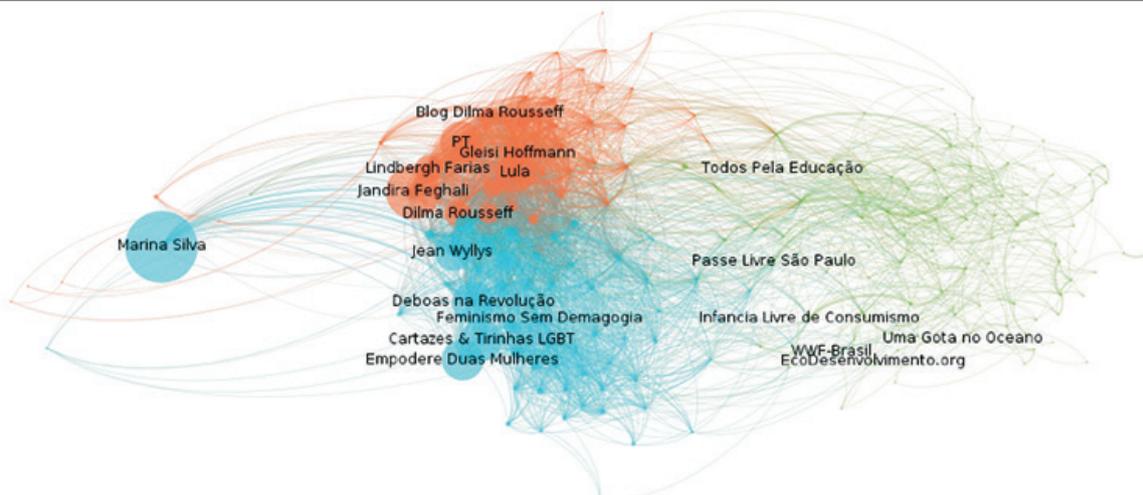


Figura 3





### Principais Observações

*O tipo de análise estrutural das páginas do Facebook usado parece adequado para a identificação de comunidade de usuários, que se informam pelas mesmas páginas. A disputa em torno do papel histórico do PT organizou o campo de disputa do discurso político no Facebook, polarizando os usuários entre antipetistas e anti-antipetistas. Essa dinâmica birrelacional pode ser analisada de maneira mais fina, indicando a forma como cada polo se organiza internamente. Essa análise mais fina indica a complexidade dos grupos que ficaram subordinados à disputa em torno do PT. De um lado, as páginas, que puxaram os atos pelo impeachment, organizam o campo em torno dessas três comunidades mobilizadas: grupos liberais, grupos conservadores e políticos tradicionais, que eram oposição. Do outro lado, as páginas associadas ao PT organizam o campo impondo seu discurso sobre os grupos identitários, novos movimentos sociais e ambientalistas, ou seja, mesmo os grupos, que se identificam como sendo à esquerda do PT e que não compartilham um discurso petista, agrupam-se na polarização contra os grupos antipetistas. Nas páginas políticas do Facebook, o PT é um grande organizador do debate e o centro da polarização.*

- *O Facebook é uma importante ferramenta de informação política.*
- *As páginas políticas do Facebook estão altamente polarizadas.*
- *O PT é o centro desta polarização virtual, é o organizador do debate político na rede social.*
- *Os usuários de páginas políticas dividem-se numa relação de oposição entre os antipetistas e os que rejeitam este sentimento de antipetismo (defensores do PT e críticos do partido, mas com posições de esquerda).*

### Paulistano é conservador, mas não neoliberal

**Hipótese: Não há uma correspondência exata entre a opinião da sociedade paulistana mais ampla e frequentemente não mobilizada, com o discurso das elites de ativistas engajadas no debate político.**

A polarização sobre a figura do PT é evidente nas manifestações dos anos 2015 e 2016 e nas redes sociais, mas não devemos esquecer que a maior parte da sociedade brasileira não estava presente nestes protestos e tampouco está presente no debate político do Facebook, cujo perfil majoritário é urbano, classe média e jovem. A ampla maioria da sociedade brasileira, portanto, permanece fora do radar das pesquisas.

Buscamos responder, agora, se há correspondência entre a opinião da sociedade paulistana mais ampla e frequentemente não mobilizada, com o discurso das elites de ativistas engajadas no debate político. Por exemplo, o liberalismo econômico, que prega o MBL, tem aceitação na população? E a narrativa do golpe versus impeachment? Os valores evangélicos (ex. condenação do aborto), os punitivos (ex. maior tempo de cadeia) ou os mais progressistas (ex. política de cotas), que são mais mobilizados no debate político das guerras culturais sobre pautas com alto conteúdo moral, têm penetração na população não mobilizada? Quais são, afinal, os valores que definem a identidade política do paulistano?

Nos dias 15 e 22 de outubro de 2016, realizamos pesquisa investigando a opinião dos paulistanos sobre uma série de assuntos que animam a polarização política nas redes sociais. Aplicamos um questionário a 1058 paulistanos, com cotas de sexo e idade e abordagens distribuídas pelas 10 macrorregiões



da cidade. O questionário buscou relacionar características demográficas (sexo, idade, escolaridade e renda), o grau de engajamento e mobilização das pessoas, suas identidades políticas e a adesão a afirmações que extraímos do debate político no Facebook.

Essa pesquisa dá sequência a outras pesquisas que realizamos, investigando a opinião política de populações mobilizadas em protestos anti-Dilma, anti-impeachment e dos movimentos de estudantes secundaristas e pela legalização da maconha. Extraímos as afirmações ideológicas que norteiam nosso estudo do debate político no Facebook (apresentado no capítulo anterior) e buscamos ver se há correspondência entre a opinião da sociedade paulistana mais ampla e frequentemente não mobilizada, com o discurso das elites de ativistas engajadas no debate político digital, divididos em grupos que identificamos como liberais, conservadores, evangélicos, sociais, identitários e novos direitos, ambientalistas, pró-impeachment e antigolpe.

Em primeiro lugar, queríamos medir a auto-identificação política dos paulistanos no espectro esquerda/ direita e conservador/não conservador. A distribuição da auto-identificação ficou assim:

<b>Identidade Esquerda/ Direita</b>	
Esquerda	12,5%
Centro-esquerda	3,7%
Centro	2,0%
Centro-direita	4,8%
Direita	8,3%
Nada disso	54,3%
Não sabe	14,3%

<b>Identidade Conservador/ Não Conservador</b>	
Muito conservador	31,6%
Um pouco conservador	36,6%
Nada conservador	19,1%
Não sei	11,7%

É interessante verificar que a grande maioria das pessoas não se identifica com a clássica dicotomia esquerda-direita, quase 70% dos entrevistados não adere a esta nomenclatura política. A auto-identificação varia bastante conforme certas características demográficas. Quanto maior a escolaridade, quanto maior a renda e quanto mais jovem, mais se é de esquerda e não conservador.

O questionário verificou, também, o engajamento em discussões políticas e a participação em protestos durante este último ciclo de mobilizações. Os resultados mostram que 15% participaram dos protestos de 2013, percentual que se divide depois entre aqueles que foram às ruas pedir o impeachment da presidente e aqueles que se posicionaram contrariamente a este:

<b>Participação em protestos</b>		
	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Participou de alguma manifestação no último ano	16,8%	83,2%
Participou de manifestações em 2013, contra aumento da passagem e outras coisas	15,4%	84,6%
Participou de manifestações a favor do impeachment da presidente Dilma	7,6%	92,4%
Participou de manifestações contra o impeachment da presidente Dilma	6,7%	93,3%

Por outra parte, também perguntamos se as redes sociais são uma fonte de informação, discussão e engajamento político entre os paulistanos. Nas manifestações pró e anti-impeachment havíamos comprovado que uma média de 50% dos participantes afirmava informar-se muito politicamente pelo Facebook, evidenciando a importância da rede social entre os paulistanos mobilizados. Quando perguntamos ao geral da população (na sua maioria não mobilizada) cai para 27,7% o percentual dos entrevistados que utiliza a internet (incluindo sites e rede social) como fonte de informação política.



Informação e engajamento no debate político	Muito Pouco Nada		
Você costuma se informar sobre política em sites na internet e nas redes sociais?	27,7%	38,4%	34,0%
Você costuma se informar sobre política lendo jornais ou revistas?	23,8%	43,7%	32,6%
Você costuma discutir política com amigos ou familiares?	29,8%	35,2%	35,1%
Você costuma discutir política nas redes sociais como Whatsapp ou Facebook?	11,4%	19,3%	69,3%

Por fim, investigamos a concordância das pessoas com afirmações extraídas de páginas políticas no Facebook, que estão pautando o debate político nacional e a mobilização social.

Conservadoras	Concorda Não Não sei		
		concorda	
Precisamos punir os criminosos com mais tempo de cadeia	73,8%	19,0%	7,2%
O cidadão de bem deve ter o direito de portar arma	29,7%	64,0%	6,3%
Se não precisasse trabalhar, toda mulher devia ficar em casa cuidando da família	38,3%	59,3%	2,5%

Liberais	Concorda Não Não sei		
		concorda	
O governo deveria diminuir o número de funcionários públicos	50,6%	41,3%	8,1%
Num momento de crise o governo precisa cortar gastos em saúde e educação	9,1%	88,8%	2,1%
As empresas estatais como os Correios e o Banco do Brasil deveriam ser privatizadas	30,2%	53,1%	16,7%
As empresas privadas são mais eficientes que as empresas públicas	53,4%	29,5%	17,1%

Evangélicas	Concorda Não Não sei		
		concorda	
Fazer aborto é pecado	64,0%	29,8%	6,2%
Só pode ser considerada família a união de um homem e uma mulher	39,8%	56,9%	3,3%

Sociais	Concorda Não Não sei		
		concorda	
Quem começou a trabalhar cedo, deve poder se aposentar cedo, sem limite de idade	83,8%	11,3%	4,8%
O bolsa-família é necessário para reduzir a desigualdade	54,1%	36,8%	9,2%
Todo mundo deveria trabalhar com carteira assinada	83,1%	13,5%	3,4%

Identitárias e novos direitos	Concorda Não Não sei		
		concorda	
Deveria ser permitido que qualquer adulto fumasse maconha, se quisesse	39,3%	55,5%	5,3%
A mulher deve ter o direito de se vestir como quiser, sem ser incomodada	86,5%	11,0%	2,6%
É preciso cotas para que negros e pobres consigam entrar na universidade pública	46,0%	47,7%	6,2%

Ambientais e estilo de vida	Concorda Não Não sei		
		concorda	
As terras dos índios devem ser respeitadas pelos fazendeiros	94,5%	1,9%	3,6%
É importante comer alimentos orgânicos	90,6%	4,4%	4,9%

Anti-golpe	Concorda Não Não sei		
		concorda	
O PT é vítima de uma perseguição da imprensa e do juiz Sérgio Moro	26,4%	55,5%	18,1%
O impeachment da ex-presidente Dilma foi um golpe	41,1%	44,2%	14,7%



<b>Pró-impeachment</b>			
	Concorda	Não concorda	Não sei
O PT se apropriou do governo para roubar	45,3%	34,9%	19,8%
Todos os partidos são corruptos, mas o PT é pior	36,4%	48,1%	15,5%

Quais são as conclusões mais relevantes que podemos extrair destes dados?

Vê-se que o paulistano médio adere a um consenso punitivo (73,8% concordam que os criminosos devem ser punidos com mais tempo de cadeia), mas condena o livre porte de armas (contrariamente às tentativas de alguns membros do Congresso de acabar com o Estatuto do Desarmamento), condena também o aborto (mas reconhece o direito da mulher se vestir como quiser, sem ser importunada), defende os direitos sociais e os direitos dos índios sobre suas terras. É de grande relevância notar que, quando questionados sobre pautas relativas a cortes orçamentários, reforma previdenciária, obrigatoriedade de carteira assinada, existe um consenso generalizado que não aceita as pautas liberalizantes, de flexibilização de trabalho ou ajuste fiscal que corte drasticamente os gastos estatais em serviços públicos. Cabe destacar

que, em relação a estas perguntas existe certa variação de renda, sendo os mais ricos mais concordantes com algumas pautas do Estado liberal (Tabelas 1 e 2).

As variações por cortes demográficos são muito relevantes. Pautas mobilizadas por grupos conservadores e evangélicos, como a família heteronormativa (apenas entre homem e mulher), o papel da mulher na família e a legalização da maconha, variam muito com a renda, a escolaridade e a idade: os jovens, os mais instruídos e os mais escolarizados concordam muito mais com o direito de fumar maconha, que a mulher não deve apenas ficar em casa e que gays também constituem família. Por exemplo, diante da afirmação “Só pode ser considerada família a união de um homem e uma mulher”, os entrevistados de 16 a 24 anos concordam em 24,2% e este índice vai aumentando até a última faixa de 54 a 90 anos com uma aprovação de 55,5%. Uma grande variação resulta nos grupos diferenciados por renda. As pautas religiosas, aquelas que mobilizam politicamente a bancada evangélica, destacando o papel da família cristã e as restrições dos direitos femininos, configuram-se como muito importantes na coesão da identidade dos grupos mais pobres (Tabelas 3, 4 e 5).

**Tabela 1**

<b>Todo mundo deveria trabalhar com carteira assinada</b>						
	até R\$ 1.760	de R\$ 1.760 a R\$ 2.640	de R\$ 2.640 a R\$ 4.400	de R\$ 4.400 a R\$ 8.800	de R\$ 8.800 a R\$ 17.600	acima de R\$ 17.600
concorda	90,7%	88,5%	80,7%	74,3%	65,3%	63,2%

**Tabela 2**

<b>O governo deveria diminuir o número de funcionários públicos</b>						
	até R\$ 1.760	de R\$ 1.760 a R\$ 2.640	de R\$ 2.640 a R\$ 4.400	de R\$ 4.400 a R\$ 8.800	de R\$ 8.800 a R\$ 17.600	acima de R\$ 17.600
concorda	43,7%	48,1%	54,1%	57,0%	40,8%	73,7%

**Tabela 3**

<b>Se não precisasse trabalhar, toda mulher deveria ficar em casa cuidando da família</b>						
	até R\$ 1.760	de R\$ 1.760 a R\$ 2.640	de R\$ 2.640 a R\$ 4.400	de R\$ 4.400 a R\$ 8.800	de R\$ 8.800 a R\$ 17.600	acima de R\$ 17.600
concorda	42,8%	40,9%	43,3%	29,6%	8,2%	15,8%

**Tabela 4**

<b>Fazer aborto é pecado</b>						
	até R\$ 1.760	de R\$ 1.760 a R\$ 2.640	de R\$ 2.640 a R\$ 4.400	de R\$ 4.400 a R\$ 8.800	de R\$ 8.800 a R\$ 17.600	acima de R\$ 17.600
concorda	74,6%	69,7%	66,3%	49,2%	28,6%	21,1%

**Tabela 5**

<b>Só pode ser considerada família a união de um homem e uma mulher</b>						
	até R\$ 1.760	de R\$ 1.760 a R\$ 2.640	de R\$ 2.640 a R\$ 4.400	de R\$ 4.400 a R\$ 8.800	de R\$ 8.800 a R\$ 17.600	acima de R\$ 17.600
concorda	46,0%	40,4%	44,4%	28,5%	18,4%	15,8%

É interessante perceber, porém, que existem questões que dividem a opinião pública como a questão das cotas, a importância do Bolsa Família para reduzir a desigualdade ou a liberalização do uso da maconha, debates sobre as quais não existe consenso.

Outra questão, que também divide opiniões, é o debate impeachment/golpe. A narrativa do golpe divide absolutamente a opinião pública, 41.1% concordam frente a 44.2%. Porém, a narrativa da vitimização do PT pelas mãos do juiz Sérgio Moro e a imprensa só é aceita por 26.4% dos entrevistados, o que significa que uma parte considerável dos que aderem à narrativa do golpe não adere à narrativa da vitimização petista. Finalmente, 45.3% dos entrevistados afirmam que o PT se apropriou do governo para roubar.

Também relacionamos a adesão às afirmações de identidades políticas (espectro esquerda/direita e conservador/não conservador) e descobrimos algumas coisas: os paulistanos que se dizem de direita não têm muita consistência ideológica, sendo seu traço mais marcante a adesão ao discurso pró-impeachment (o PT é o partido mais corrupto e se apropriou do governo para roubar), como também é marcante sua não adesão às pautas liberais na economia. Já os de esquerda, parecem mais coerentes, concordando com as afirmações sociais e aquelas dos movimentos identitários

e de novos direitos. Os paulistanos que se definem de esquerda defendem mais as políticas que protegem mulheres, negros e homossexuais, e os que se definem de direita têm como traço mais forte o antipetismo. Por fim, a identidade conservadora é amplamente disseminada, mas parece vazia, pouco relacionada com posições específicas, inclusive as conservadoras; já a identidade não conservadora é muito mais coerente. Para a tabela abaixo, construímos um índice que vai de -100 a 100, sendo o -100 o desacordo com todas as afirmações de um determinado conjunto e 100 a concordância com todas elas.

O antipetismo (o PT como partido mais corrupto do Brasil, a rejeição à vitimização petista, a defesa do impeachment) é o elemento de coesão central, tanto nas manifestações verde-amarelas, num dos polos do Facebook polarizado, como na sociedade não mobilizada que se define de direita. A narrativa impeachment/golpe, em torno da qual se configurou o debate nas manifestações do ciclo 2015-2016 e na rede social, não cria consenso na sociedade não mobilizada (Tabelas 6 e 7).

**Tabela 6****Relação entre afirmações ideológicas e a identidade política esquerda/ direita**

	Direita	Centro-direita	Centro	Centro-esquerda	Esquerda	Nada disso
Conservadora	23,0%	12,0%	7,9%	13,7%	-40,2%	2,0%
Evangélica	17,2%	5,0%	2,4%	-20,5%	-51,5%	15,3%
Liberal	26,4%	29,3%	20,6%	15,4%	-29,5%	2,2%
Pró-impeachment	32,8%	8,0%	16,7%	-29,5%	-71,0%	4,2%
Ambiental/ Estilo de vida	84,5%	96,0%	88,1%	88,5%	93,9%	89,2%
Social	43,3%	42,7%	46,0%	52,1%	58,5%	51,7%
Identitária/ Novos direitos	5,4%	4,7%	19,0%	35,0%	58,3%	13,5%
Anti-golpe	-56,3%	-53,0%	-61,9%	-5,1%	59,5%	-26,2%

**Tabela 7****Relação entre afirmações ideológicas e a identidade política conservador/ não conservador**

	Muito conservador	Um pouco conservador	Nada conservador
Conservadora	19,5%	-1,7%	-37,2%
Evangélica	36,8%	0,9%	-44,7%
Liberal	13,4%	1,0%	-14,4%
Pró-impeachment	15,9%	-3,0%	-37,7%
Ambiental/ Estilo de vida	88,2%	90,4%	91,2%
Social	53,9%	50,8%	50,1%
Identitária/ Novos direitos	3,1%	16,7%	51,9%
Anti-golpe	-28,4%	-25,4%	13,6%

**Principais observações**

*Há poucos consensos entre os paulistanos, entre eles a defesa de direitos sociais, e a negação do discurso liberal econômico e o punitivismo. Os temas do impeachment/golpe dividem a população que, majoritariamente, nega o discurso da vitimização petista. As pessoas, que assumem a identidade política de direita e conservadora, não concordam de maneira muito marcada com as afirmações de nenhum dos campos políticos, que identificamos nas redes sociais (liberal, conservador, social, evangélico, identitário e novos direitos). Seu traço mais marcante é apenas o antipetismo, que aparece como organizador político neste grupo social. Já as pessoas, que assumem a identidade política de esquerda e não conservadora, têm*

*uma opinião mais ou menos coerente, concordando com as afirmações extraídas do debate no campo social, identitário e de novos direitos e rejeitando aquelas dos campos liberal, evangélico e conservador. Entre os mais pobres, as pautas evangélicas têm uma grande penetração, principalmente as questões relativas à família cristã e o papel da mulher.*

*- O paulistano, mesmo aquele que se define como de direita ou conservador, não concorda com as medidas liberais na economia que o governo Temer defende, assim como alguns grupos organizadores das manifestações pelo impeachment como MBL ou Vem Pra a Rua, que se identificam como liberais.*

*- O punitivismo é um consenso na sociedade paulistana.*

*- O debate impeachment-golpe divide a po-*



*pulação, mas a narrativa do PT vítima é majoritariamente rejeitada.*

*- O antipetismo organiza a identidade política dos paulistanos que se definem de direita.*

*- Os valores religiosos, mobilizados politicamente pela bancada evangélica, encontram mais apoio entre os mais pobres e menos escolarizados.*

## Resumo final das três pesquisas

O furacão político que foi junho de 2013 e seus desdobramentos e a esquerda e a direita geraram um nível muito alto de debate e mobilização: cerca de um quarto dos paulistanos discute muito política com amigos ou familiares e mais ou menos o mesmo percentual já participou de algum protesto, seja em junho de 2013, seja contra ou a favor do impeachment. No entanto, como já identificamos em outros estudos<sup>3</sup>, esse amplo debate político está muito amparado em fontes de informação de baixa qualidade, que dominam nosso cenário polarizado. O surgimento dos grupos organizados de direita liberal como MBL ou Vem Pra Rua faz com que o debate da insatisfação política se canalize no antipetismo, que vai configurando uma dinâmica polarizadora, nas redes e nas ruas, entre as pessoas que frequentemente se informam, discutem e se mobilizam por questões políticas. Uma estratégia populista de direita que tem no antipetismo e na luta contra a corrupção seus grandes significantes. A população brasileira mais jovem não está totalmente inserida nesta dinâmica de polarização, porque não tem no PT um centro simbólico organizador da vida política, como a geração anterior, com média etária de 40 anos, que é a tipicamen-

te mobilizada em torno deste tema. Os mais jovens ficam mais à margem da identificação das narrativas de vitimização petista versus “o PT é o partido mais corrupto de Brasil”. Finalmente, esta polarização, que marca absolutamente o debate político dos dois últimos anos, não tem uma réplica exata na população não mobilizada. População esta que não tem consenso sobre se foi golpe ou impeachment, mas que não acredita no discurso da vitimização do PT, tampouco compartilha o consenso liberal econômico atual dos grupos organizadores dos protestos pró-impeachment e o governo Temer, e cujos cidadãos de menor renda se identificam com valores que a bancada evangélica mobiliza em uma clara penetração de questões morais-religiosas na política. O antipetismo, porém, coloca-se como o valor que articula a identidade daqueles que se definem como de direita, mostrando que, como conceito, tem uma grande capacidade de criar consenso entre aqueles que não se identificam com a esquerda ou o progressismo.

## 2017: do antipetismo à antipolítica?

Com o impeachment da presidente Dilma Rousseff, o antipetismo teve uma grande vitória. Michel Temer assume o comando do país com um discurso de liberalização econômica que, como vimos, não é compartilhado pela maioria dos paulistanos (dado provavelmente extrapolável ao resto do país). Porém, múltiplos escândalos de corrupção, a maioria ligada à Lava Jato, continuam aparecendo e abrangem um grande espectro da classe política, envolvendo não só figuras petistas como também de outros partidos, principalmente peemedebistas e tucanos. Como já tínhamos observado nas manifestações pró-impeachment, a confiança destes manifestantes

3. Monitor do debate político no meio digital, disponível em <https://www.facebook.com/monitorododebatepolitico/?fref=ts>



no PSDB e no PMDB, assim como nas suas principais expoentes, não era alta<sup>4</sup>.

#### Quadro 1

##### Manifestações pró-impeachment: confiança nos partidos políticos

	PT	PSDB	PMDB	Rede	PSOL
n/respondeu / nenhum	0,20%	0,20%	0,20%	0,70%	0,20%
confia muito	0,20%	11,00%	1,40%	2,60%	1,90%
confia pouco	3,70%	41,20%	16,30%	14,00%	16,10%
não confia	96,00%	47,60%	81,80%	61,10%	77,10%
não conhece	0,00%	0,00%	0,40%	21,50%	4,70%

Por trás de um antipetismo evidente nas ruas, e muito explorado pelos grupos que convocaram os protestos, estes manifestantes, que se definiam maioritariamente de direita e centro-direita, escondiam um sentimento de frustração com a classe política de forma geral. Alguém poderia pensar que, já que o alvo fundamental destas manifestações era o PT, os que estavam lá presentes confiariam expressivamente nos políticos peemedebistas, que assumiriam o poder depois do impeachment, ou nos tucanos, já que a maioria dos presentes afirmou ser votante do PSDB tanto em nível federal como estadual<sup>5</sup>. Os dados contradizem esta hipótese, demonstrando um claro sentimento de desconfiança geral. Só 11.0% dos entrevistados nas manifestações a favor do impeachment confiam muito no PSDB e 1.4% no PMDB. Quanto aos representantes partidários, aquele que conta com maior confiança é Geraldo Alckmin, com 29.1% de alta confiança, índice que cai a 22.6% para Aécio Neves e 3.2% para Eduardo Cunha, levando em consideração que estes dados são prévios à maioria das denúncias de corrupção envol-

vido peemedebistas e tucanos, que foram divulgadas posteriormente ao impeachment.

Com a saída de Dilma Rousseff, o PT em clara crise, perdendo sua hegemonia política e social, derrotado dramaticamente nas eleições municipais de 2016, e com os escândalos de corrupção apontando sucessivamente aos mais diversos partidos fora da órbita petista, o sentimento antipetista, que antes impregnava politicamente grandes grupos sociais no país, foi dando lugar à expressão de sentimento antipolítico, de negação da política tradicional (*nenhum político presta*), em detrimento do “novo-político” ou o “político-gestor”, com seu exemplo mais evidente no sucesso eleitoral de João Doria em São Paulo, ou até do Crivela no Rio de Janeiro. Será importante observar como vai evoluir este sentimento de negação da política tradicional e como vai refletir na perda de confiança na democracia para um grande espectro da sociedade brasileira.

4. Dados da manifestação de 12 de abril de 2015, disponível em <http://gpapai.usp.br/pesquisa/120415/>

5. Segundo Datafolha, 82% dos entrevistados presentes na manifestação de 16 de agosto de 2015 se declararam eleitores de Aécio Neves (PSDB).



## **Autores**

**Esther Solano Gallego** é Professora Doutora da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e do Mestrado Interuniversitário Internacional de Estudos Contemporâneos de América Latina da Universidad Complutense de Madrid. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Complutense de Madri. Associada ao grupo de pesquisa Laboratório de Análises Interdisciplinares e Análise da Sociedade (LEIA-Unifesp).

**Pablo Ortellado** é Professor Doutor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. Pós-doutorado pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, CEBRAP. Coordenador do Grupo de Políticas Públicas de Acesso à Informação (GPoPAI-USP).

**Márcio Moretto Ribeiro** é Professor Doutor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Doutorado em Ciência da Computação pelo Instituto de Matemática e Estatística da USP. Pós-doutorado no Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Universidade de Campinas (CLE-UNICAMP). Associado ao Grupo de Políticas Públicas de Acesso à Informação (GPoPAI-USP).

## **Responsável**

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil  
Av. Paulista, 2001 - 13º andar, conj. 1313  
01311-931 | São Paulo | SP | Brasil  
[www.fes.org.br](http://www.fes.org.br)

### **Friedrich-Ebert-Stiftung (FES)**

A Fundação Friedrich Ebert é uma instituição alemã sem fins lucrativos, fundada em 1925. Leva o nome de Friedrich Ebert, primeiro presidente democraticamente eleito da Alemanha, e está comprometida com o ideário da Democracia Social. No Brasil a FES atua desde 1976. Os objetivos de sua atuação são a consolidação e o aprofundamento da democracia, o fomento de uma economia ambientalmente e socialmente sustentável, o fortalecimento de políticas orientadas na inclusão e justiça social e o apoio de políticas de paz e segurança democrática.

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Friedrich-Ebert-Stiftung.

O uso comercial de material publicado pela Friedrich-Ebert-Stiftung não é permitido sem a autorização por escrito.

ISBN 978-85-99138-97-7

